

**A cultura do músculo no *Instagram* e as
reinvenções da monstruosidade**

***Muscle culture on Instagram and the
reinventions of the monstrosity***

Julio Cesar SANCHES¹

Resumo

O culto ao corpo contemporâneo possibilitou a visibilidade de práticas de gestão de si, baseadas na valorização dos exercícios físicos, dietas, cirurgias plásticas, suplementação etc. Neste trabalho, analisamos como o *bodybuilding* produz ideais estéticos difundidos nas mídias digitais, elencando quais silhuetas são consideradas desejáveis e quais morfologias são monstruosas. A partir das imagens dos digitais influencers Léo Stronda e Gracyanne Barbosa, na rede social *Instagram*, realizamos uma genealogia dos sentidos do corpo na era da moral da boa forma. Acreditamos que os apelos midiáticos da cultura *fitness* reinventaram a imagem do monstro, diferenciando o monstro musculoso do monstro gorduroso.

Palavras-chave: Cultura fitness. Monstruosidade. *Bodybuilding*. Gordo. Imagem.

Abstract

The cult of the contemporary body made possible the visibility of self-management practices, based on the valorization of physical exercises, diets, plastic surgeries, supplementation, etc. In this work, we analyze how *bodybuilding* produces aesthetic ideals disseminated in digital media, listing which silhouettes are considered desirable and which morphologies are monstrous. Based on the images of digital influencers Léo Stronda and Gracyanne Barbosa, on the social media *Instagram*, we carry out a genealogy of the body's senses in the era of good form morals. We believe that the media appeals of fitness culture reinvented the image of the monster, differentiating the muscular monster from the fat monster.

Keywords: Fitness culture. Monstrosity. *Bodybuilding*. Fat. Image.

Introdução

O texto apresenta uma genealogia dos sentidos do corpo na era da moral da boa forma, a partir da análise de imagens dos influenciadores digitais Léo Stronda

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ). E-mail: sanches.julius@gmail.com

(@leostronda) e Gracyanne Barbosa (@graoficial) na rede social *Instagram*. Analisamos como essas celebridades produziram discursos sobre as estratégias de gestão de si, utilizando as hastags #monstro #monstrão #ficamonstro e congêneres como estratégias de construção do corpo excessivamente musculoso. A investigação refletiu como a palavra monstro foi ressignificada pelas práticas e valores do *bodybuilding* contemporâneo, destacando o músculo como símbolo de beleza e sensualidade e as silhuetas gordas como abjetas e indesejáveis. A genealogia proposta identificou a existência de uma reinvenção da concepção de monstruosidade, diferenciando o monstro musculoso (almejado) do monstro gorduroso (rejeitado).

Em meados do século XX, a figura do *bodybuilder* se tornou uma imagem massificada na cultura ocidental. Demonstrando um minucioso cuidado com o corpo, as práticas de *bodybuilding* - também conhecido como fisiculturismo - tornaram-se um modelo a ser seguido. Das sessões de atividades físicas exaustivas, às dietas alimentares restritivas, passando também pelo apelo à visibilidade do corpo musculoso, o modelo corporal estabelecido pelos praticantes de *bodybuilding* apontou para significativas alterações nas imagens e políticas do corpo contemporâneo.

Corpos sarados, músculos em evidência, formas corporais simétricas e peles lisas, *a priori*, caracterizavam (e ainda caracterizam) a imagem do *bodybuilder*. Apesar de ser considerado um esporte moderno, os valores e determinadas práticas esportivas do *bodybuilding* foram se ramificando em diferentes contextos da cultura ocidental contemporânea, extrapolando o espaço das disputas esportivas rumo a uma amplificação da exibição de músculos no cotidiano.

Jean-Jacques Courtine (2005, p. 84) afirma que a figura do *bodybuilder* consolidou uma “cultura do músculo”. O autor analisa como as atividades voltadas para os *bodybuilders* ganharam visibilidade no cinema, na televisão, no entretenimento midiático, forjando, necessariamente, uma massificação dos valores morais do *bodybuilding*. Courtine destaca que o *bodybuilding* constitui “uma das manifestações mais espetaculares de uma cultura da aparência do corpo nos Estados Unidos. Mas ele não é simples espetáculo: ele é sustentado por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa” (COURTINE, 2005, p. 84).

A pulverização das práticas de *bodybuilding* na cultura ocidental das últimas décadas do século XX produziu uma nova página na história do corpo. Os valores esportivos, não apenas do *bodybuilding*, contribuíram no desenvolvimento do que

contemporaneamente classificamos como cultura *fitness*. Assim como no *bodybuilding*, a configuração da cultura *fitness* se estabeleceu por uma formação de indústrias, mercados e práticas de massa de cuidado com o corpo, contribuindo para o adensamento do fenômeno contemporâneo de culto ao corpo.

Ocorre que a cultura *fitness*, baseada no cuidado com o corpo, fabricou uma imagem corporal desejada e desejável, estabelecendo o modelo corporal massificado a ser seguido, delineando silhuetas enxutas fabricadas por uma “moral da boa forma”. Conseqüentemente, os corpos que não se enquadram nos parâmetros estéticos estabelecidos pela cultura *fitness* são classificados como abjetos e monstruosos.

Culto ao corpo e cultura *fitness*

Culto ao corpo não é um conceito. Entretanto, é uma ênfase dada aos modos de lidar com o corpo no campo social contemporâneo. Jurandir Freire Costa (2005) afirma que “a designação imprecisa chama atenção para o fato de o corpo ter-se tornado um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais” (p. 203). Logo, falar do corpo é falar da constituição de sujeitos. Diante disso, elencamos a cultura *fitness* como paradigma de entendimento da experiência do corpo contemporâneo. Afinal, o que é cultura *fitness*?

Por cultura *fitness* denomino um conjunto de dispositivos que opera em torno da construção de uma representação do corpo que conjuga como sinônimos, saúde e beleza, associando-as a termos representados como plenos de positivities, entre eles, bem-estar, “qualidade de vida” e “vida saudável” (GOELLNER, 2008, p. 247).

A cultura *fitness* se desenvolve a partir de dispositivos regulatórios dos corpos e dos sujeitos, projetando um conjunto de discursos, práticas e representações capazes de fabricar determinados estilos de vida. Trata-se de uma cultura baseada na conformação de gestualidades, no desenvolvimento de práticas programáticas e na pedagogia do corpo. Nesse sentido:

A cultura *fitness* desdobra-se de diferentes maneiras e, de forma quase persuasiva, captura mulheres (e também homens) que, ora mais, ora menos, aderem às suas prescrições. As promessas de felicidade a ela agregada movimentam nossos pensamentos, sonhos, desejos, fantasias e, literalmente, nossa materialidade biológica, ou melhor, aquilo que denominamos corpo. A cultura *fitness* inscreve-se em nossa carne (GOELLNER, 2008, p. 248).

A somatização das práticas de governo dos sujeitos é imprescindível para a cultura *fitness*. Dietas, cirurgias plásticas, exercícios físicos e cosméticos incorporam o papel de gerenciamento dos corpos e subjetividades, tramando uma hierarquização social que enaltece determinadas silhuetas em detrimento de outras. Ou seja, “constroem-se corpos enxutos, saudáveis, belos, dinâmicos e sensuais” (GOELLNER, 2008, p. 251). E, além disso, forjam um universo de consumo capaz de produzir o desejo incessante de “ser mais”, de “aprimorar-se”, de “superar-se”, de “autorrealizar-se”.

As experiências de vida contemporâneas são atravessadas pela “ética do cuidado consigo mesmo” (COSTA, 2005), sendo elas capitalizadas majoritariamente pelo apelo ao corpo *fitness*. Ocorre que o indivíduo contemporâneo, sendo gestor de si mesmo, tornou-se responsável pelas escolhas que são feitas em relação ao corpo, à saúde e à aparência, por exemplo. Nesse sentido, devemos pontuar que a política sobre a vida contemporânea desenvolve novas faces do biopoder.

Nikolas Rose considera que, na contemporaneidade, o biopoder desenvolve diferentes modos dos sujeitos atuarem sobre si mesmos. Por meio dos discursos de autonomia e liberdade, cuja matriz é neoliberal, os sujeitos contemporâneos tomam para si a tarefa de cuidar do corpo e da saúde, produzindo assim posições de sujeito que eticamente “escolhem” adotar condutas *fitness*, por exemplo. Nesse sentido, o investimento em saúde é uma característica primordial do biopoder contemporâneo. Logo, “a saúde, entendida como um imperativo, para si e para os outros, para maximizar forças e as potencialidades do corpo vivente, tornou-se um elemento decisivo nos regimes éticos contemporâneos” (ROSE, 2013, p. 41).

O estilo de vida saudável tornou-se imperativo na cultura *fitness*, assim como o consumo baseado na lógica do controle biopolítico (individual e coletivo). O entendimento do corpo passa a ser configurado como um rascunho passível de alterações, comedimentos, privações e diferentes atividades de gerenciamento dos hábitos. Consequentemente, o consumo se baseia no apelo pela reprodução dos valores morais que abarcam o estilo de vida saudável e criminaliza aqueles corpos que não aderem às práticas saudáveis. É por esse motivo que:

Na atualidade, desenvolvemos uma espécie de hipersensibilidade a qualquer problema no domínio da aparência corporal. Nos sentimos, com frequência, melindrados por qualquer observação sobre nossa aparência física, pois estamos entregues, sem defesas, ao escrutínio moral do outro (COSTA, 2005, p. 199).

O culto ao corpo desenvolve certa relação de julgamento moral a cerca do cuidado de si, mas implica não apenas um governo de si; sugere também uma política de governo dos outros. Afinal, a circulação dos valores morais da cultura *fitness* promove uma hegemonia dos discursos biopolíticos da felicidade, do sucesso, do bem-estar e de estilos de vida saudável. E também destaca a posição da infelicidade, do fracasso, do mal-estar e de estilos de vida “prejudiciais” à saúde, por exemplo. Em síntese, desenvolve-se uma aparente dicotomia entre vencedores e perdedores.

A “virada corporal”, no século XX, indiscutivelmente, colocou a condição corporal no centro das experiências de vida, produzindo uma impregnação dos valores morais da cultura *fitness* em diferentes níveis da vida social. Por isso é possível falarmos na existência de um vasto universo de significações incorpóreas que fomentam a hegemonia da cultura *fitness* da contemporaneidade. Mas, para além disso, Jurandir Freire Costa afirma que esse fenômeno desenvolve uma desconfiança persecutória entre os sujeitos:

(...) o outro se tornou um observador incômodo e invasivo de nossos possíveis desvios bioidentitários e não um parceiro de ideias comuns. Se nos sentimos bem com a nossa forma física, tememos que o outro nos inveje por não ter alcançado o que alcançamos; se nos sentimos mal, ele é um suposto acusador, que nos humilha pelo simples fato de encarnar a norma somática que lutamos, encarnadamente, para corporificar (COSTA, 2005, p. 199).

O controle dos corpos e subjetividades produzidos pela moral da cultura *fitness*, destaca uma crescente rivalidade entre os sujeitos. Ocorre que essa característica da desconfiança deve ser traduzida por uma lógica de concorrência (neoliberal) e de controle (biopolítico) que há entre os sujeitos. A relação do Eu e do Outro é perpassada pelo crivo moral dos que conseguem alcançar resultados diante dos que fracassam. Nesse sentido, nas diferentes relações sociais, o cuidado e o gerenciamento de si requer também um culto da alta performance, aprimoramento, e um acúmulo de capital humano - aqui sendo capitaneado pela ideia de cuidado com o corpo, a saúde e a aparência. É por isso que:

O princípio geral da competência biopolítica dos sujeitos, que faz funcionar a roda do capitalismo globalizado, pode ser assim enunciado: *tem valor quem consegue comunicar (e vender) seu capital humano*. Autocapitalização. Isso implica ter lugar, transformar-se nesse capital, tornar-se um Você S/A, um microempreendedor de si próprio, em ser como tal reconhecido pelos seus pares (PRADO, 2011, p. 55).

A concorrência entre os sujeitos da cultura *fitness* deve ser entendida como uma instância da própria busca pela alta performance, pelo estabelecimento de narrativas vencedoras, assim como pela formação de uma identidade baseada na superação de obstáculos. Nikolas Rose afirma que a contemporaneidade produziu novos modos de subjetivação baseados numa transformação das técnicas de governos dos sujeitos. O autor destaca que:

[os] indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem *projetos*: eles devem *trabalhar* seu mundo emocional, seus arranjos domésticos e conjugais, suas relações com o emprego e suas técnicas de prazer sexual; devem desenvolver um “estilo” de vida que maximizará o valor de suas existências para eles mesmos (ROSE, 2011, p. 218).

O estabelecimento dos projetos de vida, dos “estilos de vida” e das metas presentes na lógica da vida contemporânea são expressões das transformações forjadas pelas dinâmicas de poder e saber que administram a sociedade contemporânea. Veremos a seguir algumas expressões desse fenômeno de culto ao corpo atado às expressões estéticas de corpos compreendidos como vencedores (belos) e corpos subentendidos como perdedores (feios e monstruosos).

A batalha do corpo: corpos *fitness* e a administração dos excessos:

Em julho de 2017, o portal de notícias brasileiro G1 publicou uma matéria sobre o caso de propaganda discriminatória envolvendo uma academia de ginástica no estado do Mato Grosso do Sul². A publicação relatava a existência de uma publicidade da academia que dizia: “Cansado de ser feio e gordo. Seja só feio!”. Questionado pelo repórter, o dono do estabelecimento declarou:

É impossível você falar que o dono, proprietário de uma academia, está sendo preconceituoso com uma pessoa acima do peso. Nós vivemos e trabalhamos em cima da questão da obesidade, a gente precisa deles, é um público-alvo nosso. Então, não tem lógica achar que essa placa é discriminatória’, afirmou Joni Guimarães (G1, 2017).

Relatos de práticas discriminatórias contra pessoas gordas, velhas e feias, circulam na cultura contemporânea, sendo balizadores do processo de reificação de

² Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/dono-de-academia-nega-discriminacao-contragordos-e-feios-em-ms-nao-tem-logica.ghtml> - Acessado em 06 de abril de 2022.

corpos *fitness*. Comumente, os discursos persecutórios contra as corporeidades “desajustadas” trazem à baila as representações dos corpos desejados e desejáveis da cultura *fitness*. Como no caso da matéria publicada pelo portal G1, a lógica de deixar de ser gordo é compulsória para a moral da boa forma estabelecida na cultura ocidental.

Georges Vigarello (2012) apresenta uma história da obesidade na cultura ocidental moderna. O autor afirma que o magro assumiu um lugar de prestígio na sociedade, sendo o gordo uma figura a ser combatida. Segundo Vigarello, nas décadas de 1920-1930, houve uma cultura da magreza que propagava constantemente a necessidade de emagrecimento do gordo:

Como emagrecer? Emagrecer por que, como? Por que se engorda e como se emagrece, A arte de emagrecer. O mais importante agora é “emagrecer”, a ponto de uma obrigação inédita chegar mesmo a se impor nos anos de 1920-1930: “É preciso emagrecer a qualquer preço” (VIGARELLO, 2012, p. 300) [grifos do autor].

O ato compulsório de emagrecer tornou-se imprescindível na cultura que valoriza a magreza. Vigarello (2012) identifica que é nesse momento histórico que o discurso médico negativo à gordura ganha espaço midiático, deslocando os dizeres sobre o gordo do campo exclusivamente científico. Isso contribuiu para uma transformação moral sobre a figura do gordo. Entendeu-se que “(...) o gordo, longe de ser o glutão ou estúpido, é antes de mais nada aquele que se esquiva, que se recusa a emagrecer, negligente em trabalhar o próprio corpo” (VIGARELLO, 2012, p. 300).

O apontamento apresentado por Georges Vigarello (2012) ainda possui ressonância na contemporaneidade. Se pensarmos o estatuto da magreza como condição para as silhuetas enxutas e delineadas da cultura *fitness* da atualidade, estaremos acionando essa longa e complexa história das disputas entre o corpo gordo e o corpo magro. Entretanto, a dimensão corporal contemporânea abarca também as experiências corporais que evidenciam uma exibição de músculos.

A cultura do músculo, como classificou Jean-Jacques Courtine (2005), está pulverizada na cultura de massa do ocidente. Ela está presente no apelo a imagens de corpos de dimensões exorbitantes, redesenhando então a geografia dos corpos. Ocorre que o corpo musculoso e inflado, que tem como perfil o *bodybuilder*, apesar de grande e exagerado, está negociando com os valores morais da cultura *fitness*; sendo distinto dos corpos gordos, por exemplo. Apesar disso, realizaremos uma aproximação entre o corpo musculoso - também conhecido como “sarado”, “bombado” e “monstrão” - e o corpo do

gordo, buscando apresentar uma nova configuração dos corpos monstruosos.

A rede social *Instagram*, que já possui mais de 1 bilhão de usuários ativos no mundo³, possui uma ferramenta de busca classificada como *hashtag*. Através das *hashtags*, os usuários da rede social conseguem encontrar imagens referentes ao tema da busca. As *hashtags* #monstrão, #monstro, #vemmonstro, #fikamonstroporra, #fabricademonstro, #bumbumanuca, por exemplo, são associadas a milhares de postagens de usuários brasileiros, sendo relacionadas com imagens que demonstram os avanços da cultura *fitness* no Brasil.

Celebridades do gênero *fitness*, que possuem contas na rede social *Instagram*, usam a plataforma como vitrine dos resultados alcançados no longo processo de cuidado com o corpo. Esse é o caso do MC e *bodybuilder* Léo Stronda (@leostronda)⁴ (Figura 1).

Figura 1 – “Papai tá voltando”



Fonte: conta oficial do perfil @lionschulz no *Instagram*.

Léo Stronda possui mais de 3,5 milhões de seguidores na plataforma *Instagram* (dados de 06/04/2022). Usuário da rede social, Stronda utiliza o perfil para demonstrar o corpo que foi sendo construído pelas práticas do *bodybuilding*, cuja rotina de exercícios

³ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/instagram-superou-1-bilhao-de-usuarios-ativos/> Acessado em 06/04/2022.

⁴ O usuário alterou o nome do perfil. Anteriormente nomeado como (@lionschulz).

físicos é intensa. Curiosamente, Léo Stronda se classifica como monstro e busca evidenciar o constante desejo de manter-se monstruoso (Figura 2).

As postagens de Léo Stronda evidenciam uma alteração no conceito de monstro. Segundo o filósofo português José Gil, “o monstro não se situa *fora* do domínio humano, encontra-se no seu *limite*” (GIL, 2006, p. 14). Ou seja, o monstro não é necessariamente uma figura mitológica ou uma hibridação entre espécies distintas. O monstro é o limite da própria identidade humana. Em linhas gerais, as fronteiras entre o humano e o monstro são tênues. Logo, precisamos refletir que monstruosidade é essa que está sendo propagada pelo *bodybuilder* Léo Stronda.

Figura 2 - “Hoje dei aquele check-uo no shape com meu nutri...”



Fonte: Perfil oficial de Léo Stronda (@lionschulz) no *Instagram*.

A produção de sentido do monstro realizada por Léo Stronda refere-se à ideia de corpos inflados, em excesso de massa muscular, por exemplo. Essa característica classificada como monstruosa remete ao imaginário cultural de figuras animais de grandes proporções - representações pujantes na Idade Média europeia (GIL, 2006). O animal, de certo modo, serve como um referencial para o monstro que está sendo construído pelo *bodybuilding*. Apesar de diferenciar-se do animal, o corpo do *bodybuilder* busca uma aproximação com as representações culturais dos animais.

Os discursos de força extra-humana, garra e de superação da dor, por exemplo, emplacam o sentido do comportamento animal, sendo que caberia ao humano romper

com os próprios limites para tornar-se um monstro.

Com efeito, não é na simples oposição que o homem se define em relação aos monstros, mas num sistema complexo de afinidades com figuras (entre os quais, sobretudo, a da divindade e a do animal) que mantêm distâncias estruturais estáveis com a situação que ele ocupa (GIL, 2006, p. 14).

O sentido de monstro apresentado pelo corpo do *bodybuilder* flerta com a aproximação das figuras humanas e animais. Busca-se a todo custo romper as fronteiras impostas pelo limite do corpo humano. Ou seja, o corpo do *bodybuilder* é uma expressão da tentativa ilimitada de domínio de si, mesmo que esse domínio ultrapasse os limites da estética humana. Essa configuração “monstruosa” do corpo do *bodybuilder* é interessante por embaralhar não apenas a estética humana; os aspectos corporais que definem os gêneros também são transformados. A ex-dançarina, e atual modelo *fitness*, Gracyanne Barbosa (@graoficial) é um exemplo dessa inquietação produzida pelo corpo monstruoso da cultura *fitness* (Figura 3).

Figura 3 – “Tenha ambição, sonhe com o mundo...”



Fonte: Print do perfil oficial de Gracyanne Barbosa (@graoficial) no *Instagram*.

As imagens publicadas por Gracyanne Barbosa no *Instagram*, cuja conta é seguida por mais de 10,1 milhões de pessoas (dados de 06/04/2022), geram uma ruptura com os valores morais dedicados à estética feminina. O corpo musculoso de Gracyanne Barbosa nos convida a reformular os parâmetros estéticos definidos para a mulher. A abundância de músculos torna problemática a exposição da “monstra” Gracyanne.

Em janeiro de 2019, Gracyanne publicou na ferramenta *Story* do *Instagram* um comentário “negativo” de uma seguidora: “Tá parecendo um monstro”, destacou a usuária da rede social (Figura 4).

Figura 4 – Comentário de usuário do *Instagram*.



Fonte: Site *O Fuxico*⁵

A tensão causada pela exibição do corpo musculoso de Gracyanne Barbosa desvela os sentidos daquilo que se espera da corporeidade feminina. Logo, o excesso das formas (deformação?) produz inquietações capazes de desumanizar o corpo, colocando-o no sentido de perigo, acusando-o de ultrapassar os limites da humanidade. Essa acusação que os corpos “monstruosos” do *bodybuilding* feminino passa reforça um medo do rompimento dos limites estéticos que diferenciam os sexos masculino e feminino.

⁵ Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/noticias/gracyanne-barbosa-se-assusta-com-comentario-negativo-nas-redes-sociais/> - Acessado em 06/04/2022.

Não há dúvidas de que, no universo contemporâneo do *fitness*, existem corpos que tencionam olhares acostumados ao mesmo: musculaturas abundantes, conformações desarmônicas, formas corporais alteradas pelo uso de suplementos químicos. Estas aparências dissonantes desestabilizam e colocam em xeque representações que identificam serem virtuosas as atitudes belas e femininas de um corpo de mulher em movimento. Para além dos imaginados danos à saúde e à estética, as musculaturas transbordantes parecem apontar para um outro perigo: o temor à “masculinização” (GOELLNER, 2008, p. 255).

O perigo da “masculinização” do corpo feminino remete aos discursos de poder que pregam uma separação radical entre os sexos, mantendo a configuração da diferença sexual baseada no dimorfismo: homem x mulher, macho x fêmea, masculino x feminino. Ou seja, a possibilidade de borramento das fronteiras causa o desconforto, o pânico, o medo das formas híbridas e/ou anômalas. É o medo do monstro, do grotesco, pois “grotesco é quase sempre o resultado de um conflito entre cultura e corporeidade” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 60).

Ocorre que o atravessamento das fronteiras de gênero causado pela estética *bodybuilder* de Gracyanne Barbosa e outras mulheres coloca em xeque a canonização do corpo feminino (e masculino também). O rompimento com a imagem canônica do corpo feminino, e a fabricação de outros modos de ser mulher, desenvolvem questionamentos sobre o gênero e a sexualidade dessas mulheres.

Afinal, julga-se quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. [...] Ao corpo excessivamente transformado pelo exercício físico contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade das mulheres, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. (GOELLNER, 2008, p. 255).

As representações dos corpos de Léo Stronda e Gracyanne demonstram uma estigmatização simbólica no que se refere à ideia de monstro. Enquanto Léo Stronda afirma a identidade de um monstro e é louvado pela exacerbação da musculatura, Gracyanne Barbosa é desqualificada por adotar as mesmas características. Em linhas gerais, o “monstro” da cultura *fitness* refere-se a uma reafirmação dos valores morais da virilidade ocidental.

Na introdução do primeiro volume sobre *A história da virilidade*, Georges Vigarello (2013) diz que virilidade se refere a “um quadro valorativo: não mais o homem, por exemplo, mas aquele que ‘vale’ mais, não mais aquele que representa o sexo varonil, mas aquele que representa da melhor forma possível, ou maximamente, o masculino” (p.

11). Logo, compreendemos que todas as reafirmações morais contra a “masculinização” do corpo feminino buscam manter a formação cultural e histórica referente à virilidade masculina, assegurando que as experiências não-binárias sejam arrastadas para a zona de abjeção, onde “sua própria humanidade é contestada, exatamente por não corresponder aos ideais normativos do humano” (PINO, 2007, p. 162).

A negação da humanidade dada aos corpos das mulheres que praticam *bodybuilding* se dá numa lógica de manutenção dos valores heteronormativos. Entretanto, outros modos de abjeção também são forjados na cultura *fitness* contemporânea. O volume dos corpos gordos também desenvolve discursos persecutórios e punitivos em relação à aparência e à sexualidade. Esse fenômeno se traduz pela ideia de gordofobia.

Gordofobia significa, em linhas gerais, aversão à gordura. Uma aversão que se manifesta, por um lado, no desprezo direcionado às pessoas consideradas gordas; por outro lado, se traduz pelo sentimento de pavor que os sujeitos contemporâneos possuem de engordar ou, se gordos, pela tristeza que experimentam devido à sua condição física (VAZ; SANCHOTENE, SANTOS, 2018, p. 100).

O desprezo causado pela gordura corporal é um fator predominante na cultura *fitness*. E desse sentimento, as sensações de nojo, asco, repugnância vão se avolumando no imaginário social referente aos corpos gordos. Mas, para além disso, os discursos que apontam para as disputas entre a desejada magreza e a repugnância dada à gordura também reafirmam uma culpabilização dos sujeitos. Georges Vigarello (2012) diz que “a diferença é patente. Crítica antiga: ele come demais, ‘abusa’. Crítica atual: ele não sabe emagrecer” (p. 332).

A cultura *fitness* funciona como uma baliza para o julgamento moral do corpo gordo, tornando problemática a existência dos corpos adiposos. Para além das afirmações negativas à estética do corpo gordo, a supremacia da magreza (e dos músculos) escancara o desvio moral que há nos corpos gordos. Dessa forma, “o rigor com a esbeltez torna mais visível o desvio das formas, faz ressaltar os fracassos na linha” (VIGARELLO, 2012, p. 325).

Se traçarmos uma breve genealogia, durante a modernidade, o corpo gordo esteve presente num esquema moral inscrito na ideia do corpo anormal, monstruoso, grotesco. “Ao romper com as barreiras do pacto que agrega o corpo social, a monstruosidade é pensada como algo que deve ser afastado da sociedade” (SANCHES, 2016, p. 132). Nesse sentido, a gordura é algo combatido no campo social por remeter às deformidades do

corpo anormal.

As deformidades do corpo gordo, por exemplo, constituíam o imaginário dos corpos fantásticos do *freak show* moderno europeu. No século XIX, os excessos da carne e as deformações corporais colocavam em questão “até que ponto uma deformação nos mantém humanos?” (TUCHERMAN, 2012). Seguindo esse esquema moderno que classificava os corpos em normais e anormais, as imagens do corpo gordo destacavam as “assimetrias” e “imperfeições” causadas pelo excesso de gordura. Os cartazes publicitários do *freak show* oitocentista demonstram esse apelo à visibilidade dos corpos em excesso.

A percepção do corpo gordo, assim como do corpo “monstro” da cultura *fitness*, destaca a existência de uma política dos corpos que negocia os processos de hierarquização social por meio da moralidade acerca das formas e tamanhos da carne. Ser “monstro” *fitness* é diferente de ser gordo, apesar das proporções serem igualmente avolumadas. Afinal, o pavor da gordura provoca uma valorização das formas disciplinadas musculosas e uma culpabilização moral dos que não adquirem esse *status* de saber cuidar de si. Isso quer dizer que “a moral associa o excesso de peso à preguiça, à falta de vontade e, conseqüentemente, ao caráter fraco e ressentido. Ser gordo é ser doente, feio e vagabundo” (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 210).

Figura 05 – “Cartaz de *Freak Show*”



Fonte: Welcome Collection.⁶

⁶ Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/snj3b8th> - Acessado em 06/04/2022.

O corpo gordo é um símbolo do desvio moral contemporâneo. Consequentemente, o excesso da gordura é compreendido como resultado negativo da conduta do sujeito que não cuida de si (VIGARELLO, 2012). Ao mesmo tempo, a abjeção construída pelo horror à gordura provoca uma noção de assexualidade do corpo gordo. Ou seja, ao corpo gordo é negado o desejo sexual e erótico - a menos que seja num rótulo de entretenimento da cultura pornográfica das aberrações. É o que demonstra Jorge Leite Jr. no livro *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia bizarra como entretenimento*:

Na pornografia, desde o seu início existem mulheres gordas como atrizes. E da mesma maneira que nos *freak shows*, estavam expostas para o espanto e o escárnio da plateia. Com a compartimentalização dos gostos eróticos na produção obscena, a exposição sexual da obesidade foi alijada da corrente principal pornográfica, tornando-se uma de suas ramificações “perversas” (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 210).

Considerações finais

Em linhas gerais, podemos afirmar que o corpo gordo ainda provoca o riso perverso do *freak show* moderno. Entretanto, a imagem balizadora da cultura *fitness* potencializa o novo caráter moral que vigora sobre o campo estético contemporâneo. Não é à toa que “o cuidado de si antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma” (COSTA, 2005, p. 190).

Ocorre que a moralização da condição corporal não é algo recente, mas as estratégias contemporâneas que remetem à essa moral da boa forma fortalecem cada vez mais os aspectos morais da disputa entre o belo, vencedor e bem-sucedido e todas os desvios que tratam do feio, fracassado e perdedor. Essa lógica aponta para questões contemporâneas sobre o governo de si (e dos outros).

Grosso modo, podemos compreender que a cultura contemporânea produz as imagens, representações, discursos e valores morais forjados à luz dos esquemas de poder sobre o corpo e as subjetividades. Se questionarmos como a contemporaneidade fez emergir a moral da boa forma, chegaremos a um vasto número de culturas ocidentais que passaram pela transformação histórica dos processos de consumo, de mudanças na lógica política, de construção de novas identidades e, sobretudo, subjetividades.

Ao falarmos dos corpos contemporâneos e da presença massiva da cultura *fitness*, abordamos o conjunto de alterações que ocorreram no seio da cultura ocidental

contemporânea. Essas modificações macroestruturais conseguiram envolver os corpos, não esquecendo da figura do sujeito. Sim, os sujeitos contemporâneos são os protagonistas dessa recente página na história do corpo; seja na culpabilização ou exaltação de suas práticas, seja na fabricação desse universo simbólico que prega autonomia e liberdade, os sujeitos contemporâneos ritualizam em seus próprios corpos o desejo narcísico de se manterem em belos, jovens, magros e sarados.

“Basear a identidade no narcisismo significa dizer que o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si”, salienta o psicanalista Jurandir Freire Costa (2005, p. 185). Logo, os estudos sobre o corpo devem considerar sempre as atuais configurações das práticas culturais que alimentam a formação dos sujeitos. É nesse ponto que encontraremos como os sujeitos entendem a si mesmos, administrando suas imagens psíquicas e sociais; além de interpretarmos quais as dinâmicas de poder que envolvem esses processos de subjetivação. Assim, saberemos como os corpos são autogovernados.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narciso: Body-Building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo, Estação Liberdade, 2005. pp.81-114.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Relógio D`água, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tania Navarro. **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2008. pp.245-260.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **Cad. Pagu** [online]. 2007, n. 28, p. 149-174. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 de novembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100008>.

PRADO, José Luiz Aidar. De navios a estrelas na construção biopolítica do eu capital.

In: FREIRE FILHO, João; PINTO COELHO, Maria das Graças. **A promoção do capital humano**: mídia, subjetividade e o espírito do capitalismo. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 50-72.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANCHES, Julio Cesar. **Genealogia do grotesco**: a modernidade como fábrica de corpos monstruosos. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vega, 2012.

VAZ, Paulo; SANCHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no Youtube. **Lumina**. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 99-117, mai./ago. 2018.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente: da idade média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. Introdução: A virilidade, da Antiguidade à modernidade. In: VIGARELLO, Georges. (Org) **História da virilidade 1**: A invenção da virilidade - da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Vozes, 2013. pp.17-21.